



Crúa (E), Tiatã (C) e Juliana Luise (D), do Slam das Minas, um dos primeiros coletivos dessa modalidade no RS

Espaço de acolhimento

Slam

Poetas de diferentes regiões de Porto Alegre encontram-se a céu aberto e recitam poesias sobre situações diversas, como racismo, homofobia e violência de gênero

Em uma praça de Porto Alegre, sob aplausos e gritos emocionados, uma roda de pessoas se forma. Um por vez, os poetas se preparam para receber notas dos jurados populares, que são retirados entre o público. Cada um com sua própria vivência, eles vêm para contar por meio de versos suas identidades, subjetividades, desejos e angústias. Assim se inicia o slam, um campeonato de poesia falada oriundo da cultura do Hip Hop, na década de 1990 em Chicago, Estados Unidos, mas que chegou ao Brasil apenas 20 anos depois.

Na cena cultural porto-alegrense, os slams têm ganhado cada vez mais espaço. De acordo com a jornalista, doutora em Educação e pesquisadora do tema Liége Freitas Barbosa, a modalidade surgiu

no Rio Grande do Sul em 2016 pela iniciativa de dois coletivos: o Slam das Minas RS e o Slam Peleia. A partir daí, vem crescendo consideravelmente. “Se compararmos com o eixo Rio-São Paulo, o slam aqui no Rio Grande do Sul tem uma proporção menor, mas é um movimento que tem muita potência”, afirma. Assim, outros coletivos se espalharam pela cidade, sendo os mais famosos o Slam Chamego, o Slam Poetas Vivos, o Slam RS, o Slam da Beira – além disso, há slams específicos de bairros em que poetas e público podem encontrar um refúgio nas palavras.

Liége conta que, durante a sua pesquisa, percebeu os encontros como um espaço de construção de fala e também de escuta. “O slam funciona para esses jovens quase como uma grande terapia coletiva, onde eles conseguem desabafar, dividir, compartilhar, levar as suas cargas, as suas mensagens”, relata. Formados em sua grande maioria por jovens negros de periferia que trazem na bagagem uma trajetória repleta de desafios, os slams no Brasil têm um caráter de protesto. “[Os encontros] Vão ter temas difíceis justamente por esses jovens terem essa demanda, eles se apropriaram do formato do slam para poder manifestar as suas questões”, ressalta a pesquisadora.

Cena universitária – Oriunda das margens da sociedade, a cultura do slam se propagou e chegou até as universidades trazida por jovens periféricos que, a partir do movimento, ousaram acreditar que era possível ocupar esse espaço de conhecimento durante muito tempo dominado pela elite.

Na UFRGS, os slammers estão presentes em diversos cursos, seja na graduação ou na pós-graduação. É o caso da mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências Daniela Alves, conhecida no universo da poesia como Lella. Integrante do Slam das Minas RS, ela diz que sua relação com o movimento iniciou em 2016, ano em que foi criado o grupo. “O nosso coletivo é totalmente autônomo, autogestionável, então a gente se organiza como a gente consegue”, declara. “Com o tempo fomos agregando outras mulheres produtoras culturais, poetas para fazer parte dessa organização também.”

Potencializando a presença do slam dentro da Universidade está a cantora e estudante de Publicidade e Propaganda Ariádne Teixeira, conhecida no mundo slammer como Dadi. Precursora, juntamente com outras mulheres, da modalidade no Rio Grande do Sul, Dadi diz que sua relação com o movimento teve início em 2017. “O meu envolvimento com a poesia falada começou no Slam Peleia [...]; já no início eu participei de algumas competições e ganhei”, diz. No começo, a poeta era apenas uma agregada do grupo, mas com o tempo aprofundou, ainda mais, sua relação, tornando-se uma das organizadoras do projeto cultural. “Eu exerço todas as funções possíveis, das ideias até a finalização, de tudo um pouco”, relata. “Cada um dentro do projeto faz um pouquinho de cada coisa, ninguém tem uma área específica.”

Sempre muito fechada para falar sobre os seus sentimentos, Dadi conta que foi a partir da sua relação com o slam que conseguiu ser quem é. “Na primeira vez que

eu participei de um slam, recitei uma poesia que falava só de mim, de algumas dores que eu tinha, e as pessoas acolheram a minha dor, me ouviram”, conta Dadi. “A partir daí eu entendi quem eu era e qual era o meu propósito. E me tornei a artista que eu sou”, relata. Suas maiores inspirações quando escreve são as questões que envolvem a vida, principalmente o sofrimento. “Eu sou conhecida como sad girl, tanto no slam como na música, porque as coisas deprimentes me excitam e me instigam mais”, diverte-se.

Foi em 2016, durante as ocupações nos câmpus da UFRGS, que Natália Pagot teve seu primeiro contato com a cultura do slam. Natural de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, a bióloga e mestranda em Educação sempre foi próxima à literatura, mas nunca havia tido contato com saraus e poesias faladas até então. Ali, Natália conheceu o trabalho de Mel Duarte – primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia

falada) –, e achou o trabalho da artista incrível. “A partir daí eu descobri que existiam outros poetas. Os poetas que estavam ali não eram mortos ou brancos”, conta. “Eu comecei a resgatar as minhas escritas, comecei a perceber que o que eu escrevia também era poesia, que aqueles corpos negros também eram poetas.”

Durante o fim da sua graduação em Ciências Biológicas na UFRGS, Natália foi convidada a integrar o coletivo Poetas Vivos, criado a partir dos grupos existentes no Rio de Janeiro. Por trabalhar desde 2014 com educação antirracista, a mestranda viu no grupo uma chance para ampliar seu conhecimento. “Eu entrei no coletivo para expandir as possibilidades enquanto educadora e as possibilidades que a arte tem enquanto educação antirracista, enquanto educação transformadora”, afirma. O Poetas Vivos é uma iniciativa cultural, ou seja, outras atividades acontecem além do slam, entre elas estão oficinas de música, formações, palestras e afroempreendedorismo.

Transformação – O slam, segundo Liége, é uma porta de entrada para a arte, e a academia deveria voltar mais os olhos para isso. Seguidamente silenciados, invisibilizados e excluídos, foi a partir dessa cultura que muitos jovens conquistaram espaço e autoestima para expressar suas vivências através da poesia. “A gente tem uma visão da academia como algo muito fechado, com um espaço muito restrito, de acesso limitado”, afirma. “Eu acho que é importante a academia olhar para esses movimentos que estão acontecendo na rua, porque a maioria desses jovens que estão fazendo slam, que estão levando para as rodas a sua poesia são os jovens do ensino médio que estão entrando na Universidade”, finaliza Liége.

Além disso, a cultura do slam apresenta uma possibilidade de carreira para a juventude da periferia. É o que diz a mestranda Natália Pagot. “Para a juventude preta periférica sem estudo, sem qualificação técnica, na maioria das vezes, sem perspectiva, às vezes faltando comida, é uma mudança de vida, é uma possibilidade de ver o mundo diferente”, conclui.

Victoria Rodrigues e Emily Vieira, estudantes de Jornalismo da UFRGS

“Sou da cor do barro amassado,
de pele queimada, da voz alta e rouca, filha da
mata, sobrevivente da violência.
Não me julgue, não me compare, não me analise.
Não tente me alisar, me moldar,
Depois que fui parida, nunca mais fui de Ninguém.
De tantas, de várias que sou
O que realmente sei é o que não quero ser”

Lella